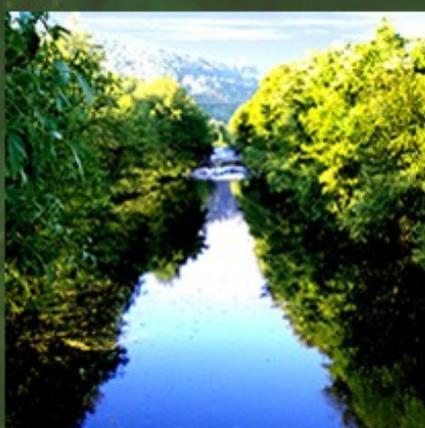


RERIZ

TEM HISTÓRIA



AUTOR / FOTOS **FLÁVIO DOS SANTOS ALVES**

COMPOSIÇÃO GRÁFICA / EDIÇÃO IMAGEM **PEDRO MIGUEL DE ALMEIDA ALVES**

ÍNDICE

I. CARACTERIZAÇÃO GERAL	3
II. LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA	4
III. MAPA DE RERIZ	5
IV. REGISTO FOTOGRÁFICO PANORÂMICO Julho de 2011	6
V. REGISTO FOTOGRÁFICO DE ALGUMAS RUAS Julho de 2011	7
VI. RESENHA HISTÓRICA POLÍTICO-ADMINISTRATIVA	9
VII. RESENHA HISTÓRICA RELIGIOSA	12
VIII. PATRIMÓNIO AGRÍCOLA	19
IX. BANDA DE MÚSICA	21
X. O TRILHO DO PAIVA	22
XI. RERIZ E A II GUERRA MUNDIAL	23



I. CARACTERIZAÇÃO GERAL

População de Reriz. À semelhança de outras localidades do interior do território português, a população tem vindo a decrescer. Esta constatação terá de levar os decisores político-administrativos a promover medidas que contrariem o despovoamento. Em valores aproximados, Reriz apresenta a seguinte evolução populacional¹:

Ano	1527	1911	1940	1950	1960	1970	1981	2001
Número de habitantes	26	1.200	1.150	1.250	1.200	880	1.010	799²

Esta tabela revela claramente que actualmente há menos habitantes do que no ano de 1911.

Densidade populacional³. 47,2 hab/km².

Área. 16, 92 km² (1,692ha).

Sede da freguesia. Reriz (Casal, Casal Bom, Midões, Póvoa do Veado, Reriz, Savariz, Solgos, Veado);

Paróquia. Reriz

Concelho. Castro Daire (Reriz é uma das 22 freguesias do concelho);

Distrito. Viseu;

Diocese. Viseu.

Festividades anuais:

- S. Sebastião (20 de Janeiro);
- St.º António (13 de Junho);
- S. Martinho (11 de Novembro).

Gentílico. Rerizenses.

Orago. São Martinho Bispo.

Coordenadas geográficas. N – 40° 54' 14"; O – 7° 59' 38".

Evolução toponímica. Rodoriz, Rreriz, Reriz.

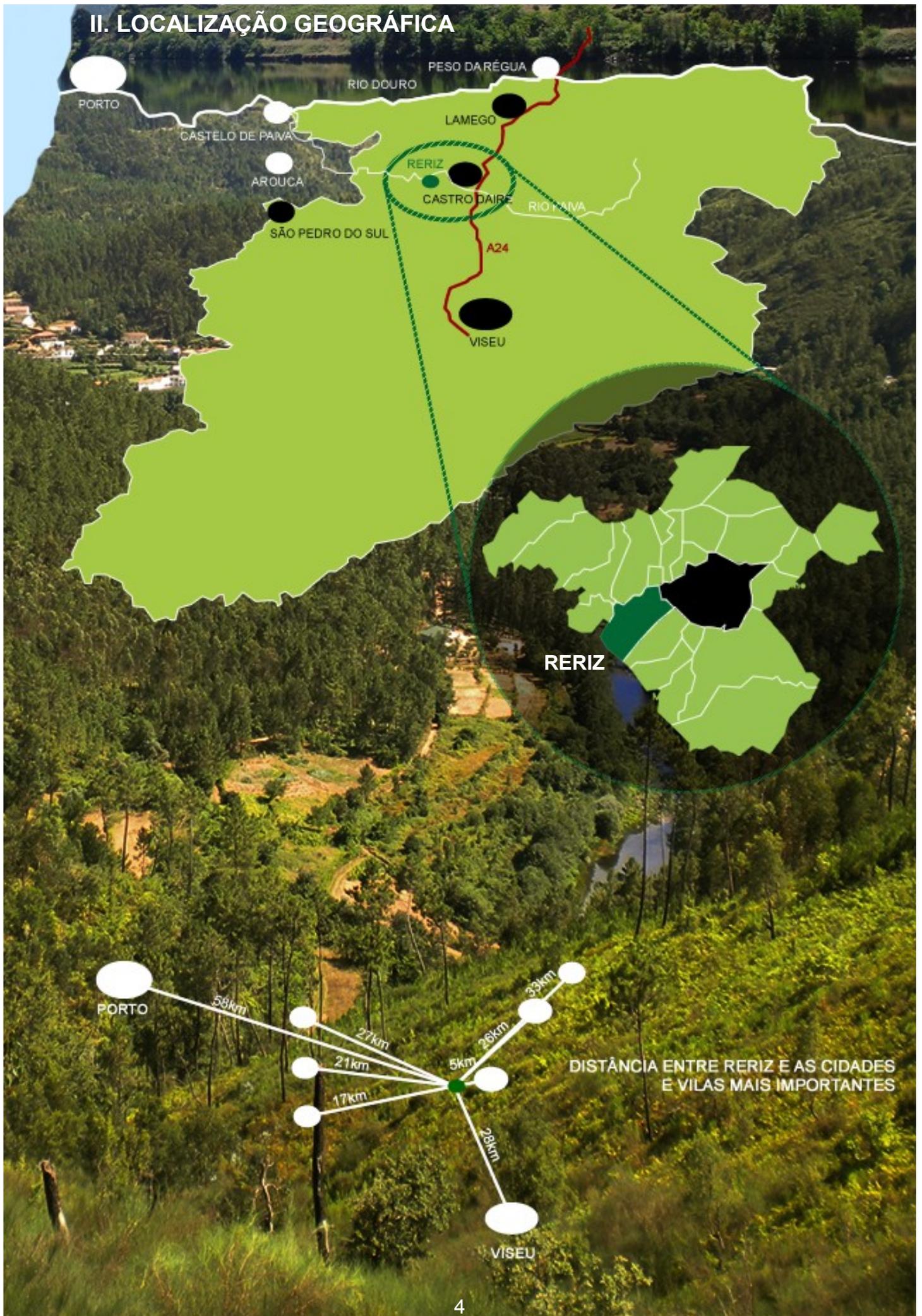
¹ Carlos Alberto Medeiros, *Relance sobre as características geográficas*, in Castro Daire, pp. 19.

² Esse dado estatístico está divulgado na Wikipédia.

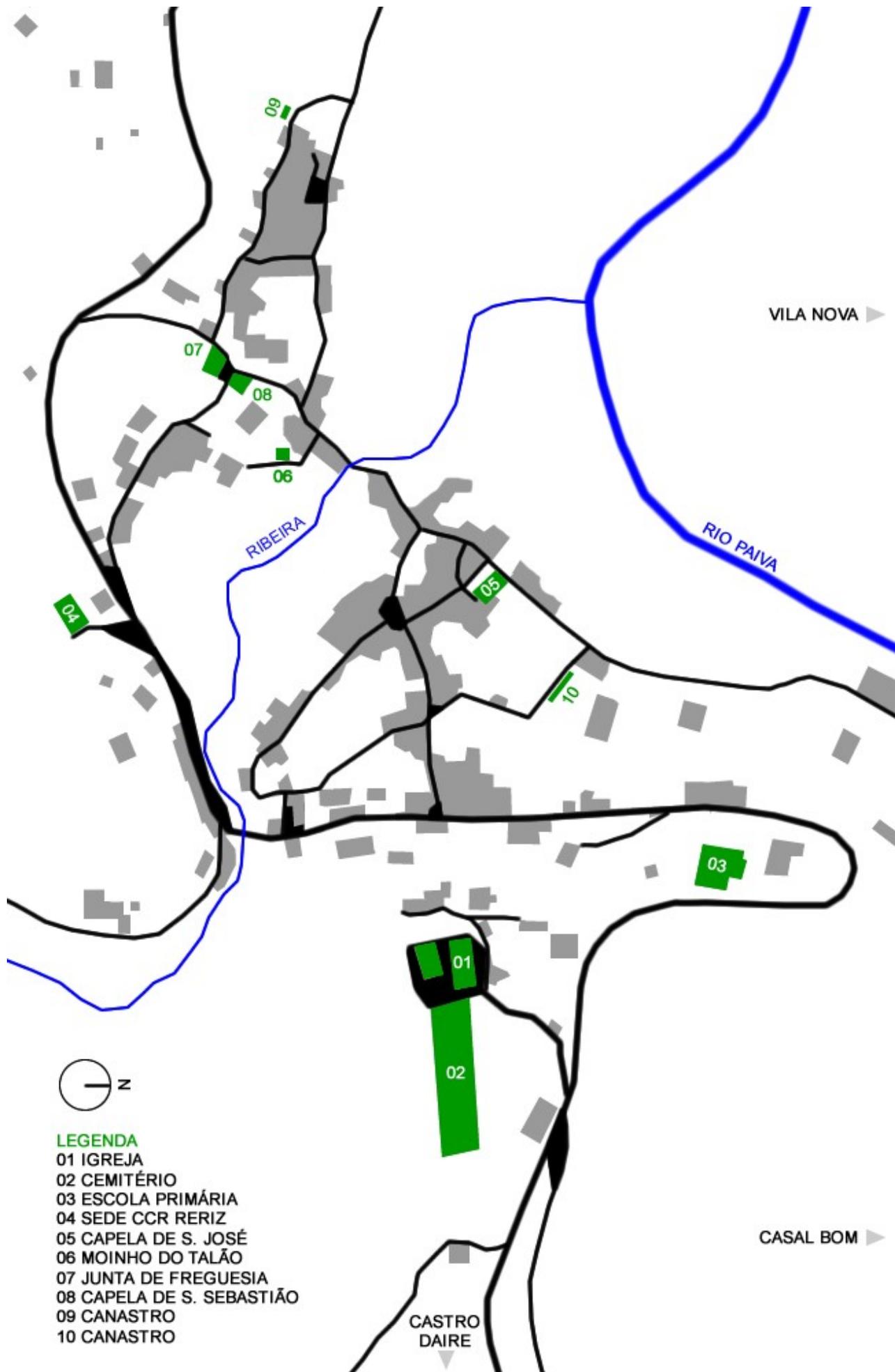
³ Fonte: Wikipédia.



II. LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA



III. MAPA DE RERIZ



LEGENDA

- 01 IGREJA
- 02 CEMITÉRIO
- 03 ESCOLA PRIMÁRIA
- 04 SEDE CCR RERIZ
- 05 CAPELA DE S. JOSÉ
- 06 MOINHO DO TALÃO
- 07 JUNTA DE FREGUESIA
- 08 CAPELA DE S. SEBASTIÃO
- 09 CANASTRO
- 10 CANASTRO

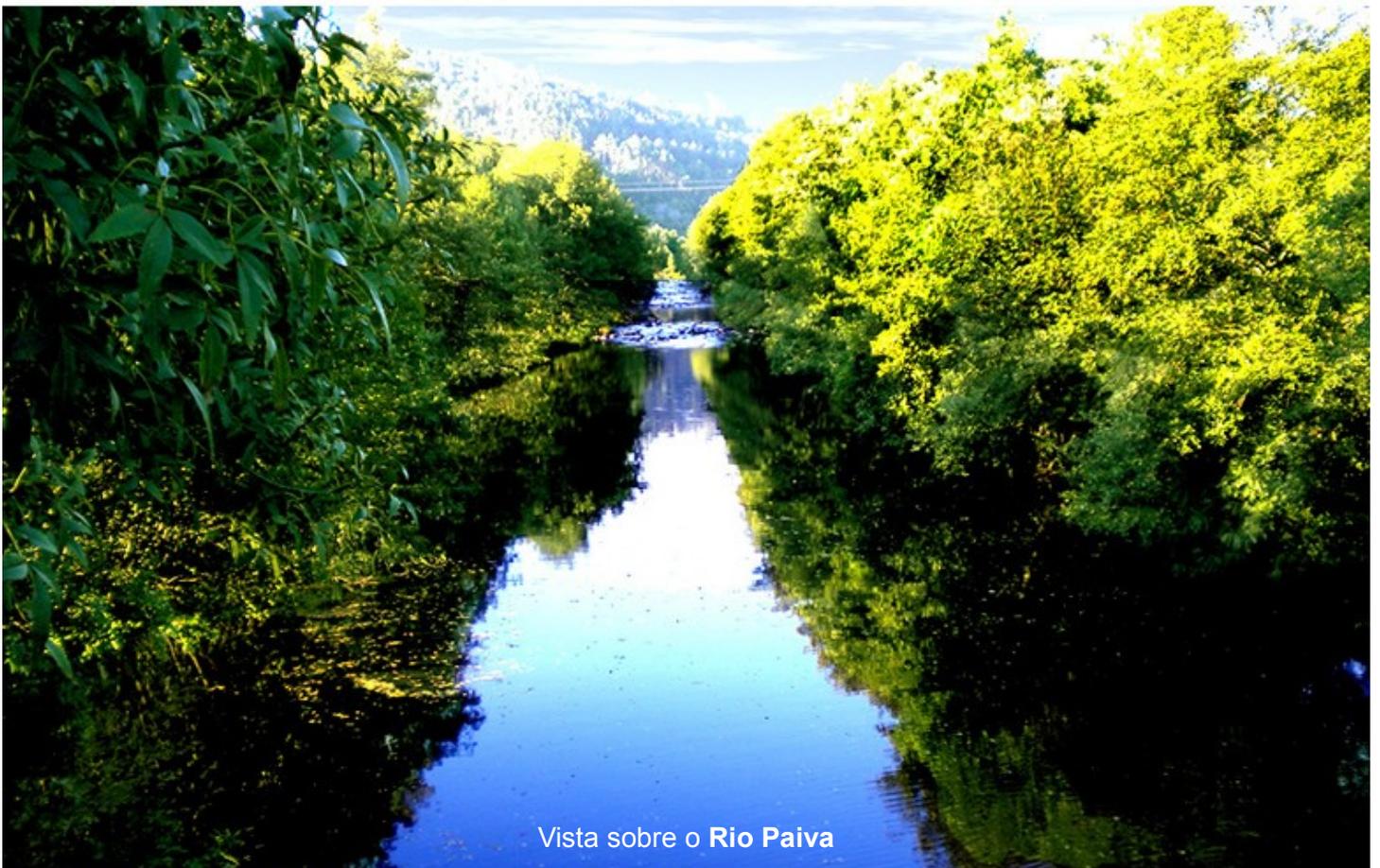
IV. REGISTO FOTOGRÁFICO PANORÂMICO Julho de 2011



Vista sobre Vale Rio Paiva (Reriz / Vila Nova)



Vista sobre Reriz



Vista sobre o Rio Paiva



Poço do Abade (Rio Paiva)



Vista sobre o Caminho da Ribeira

V. REGISTO FOTOGRÁFICO DE ALGUMAS RUAS Julho de 2011





VI. RESENHA HISTÓRICA POLÍTICO-ADMINISTRATIVA

No sítio conhecido por Corredoura foi localizada uma sepultura medieval (a Cama da Moura) que terá sido destruída na segunda metade do século passado pela abertura de uma estrada vicinal que liga Reriz à serra com o mesmo nome⁴. Sendo este o primeiro vestígio identificado da presença humana por este local, somos levados a inferir de que esta localidade terá mais de dez séculos de existência. Além desta referência medieval, Abílio de Carvalho, ao escrever sobre Reriz e ao relacionar esta localidade com a reconquista cristã, deu-nos a conhecer que “foi ao longo do curso do Paiva, da foz para o nascente, do litoral para o interior, que os cristãos fizeram recuar os mouros tendo-os parado por Reriz no século XI”⁵.

No seguimento da tentativa de datação histórica, Adérito Ferreira escreveu que, Reriz foi um antigo povoado que no século XII se chamava **Rodoriz**⁶, acrescentando que neste século, o cavaleiro João Gondosendes⁷, um dos maiores do condado, tinha os domínios de Reriz. Fora desta jurisdição encontramos o couto de Rebelo que foi dado por D. Afonso III ao cavaleiro Martim João de Vinhal⁸. Reriz era uma terra reguenga separada de Rebelo – Rabaelo – pelo ribeiro de Pongidi (actual Aziboso).

Nas Inquirições de D. Afonso III, de 1258, ficou registado que o Mosteiro da Ermida tinha uma vinha mais três leiras de vinha regalengas na Várzea de Reriz mais dois moinhos nas águas do Paiva, termo de Reriz, e que a viúva de Soeiro Lourenço tinha desde o tempo de D. Sancho, irmão do actual Rei, herdades situadas na Várzea de Reriz, todas regadas pelo Paiva⁹.

Dos senhores de Reriz¹⁰, destacam-se os fidalgos da Casa dos Coutinhos, Gonçalo Vasques Coutinho que trocou com D. João I estas terras por outras situadas mais próximas de Lamego. Após essa troca, o monarca doa Reriz a seu filho, o Infante D. Henrique, em 1401. Passados alguns anos, porém, a sua posse volta à família Coutinho. No século XVI, recebe novo foral de D. Manuel, ficando na posse da família dos Castros das “Treze Arruelas”, senhores de Resende, até à extinção do vínculo em 1834.

⁴ João L. Inês Vaz, *Arqueologia*, in Castro Daire, pp. 125.

⁵ Abílio de Carvalho, *Mosteiro da Ermida*, pp. 118.

⁶ Adérito Ferreira, *Castro Daire – Forais Manuelinos*, pp. 98.

⁷ Sobre este cavaleiro pode ser consultado: Leontina Ventura, *O Cavaleiro João Gondosendes – a sua trajectória político-social e económica (1803-1116)*, separata da Revista de História Económica e Social, 1985.

⁸ João L. Inês Vaz, *A formação do concelho*, in Castro Daire, pp. 46.

⁹ Abílio de Carvalho, in *Notícias de Castro Daire*, 2005.

¹⁰ João L. Inês Vaz, *A formação do concelho de Castro Daire*, in Castro Daire, pp. 46

Sobre o foral manuelino, manifestação real do seu poder e da centralização da administração, interessa realçar:

- a) **Foral de Vila dado por D. Manuel I datado de 09 de Maio de 1514.** O nome da vila era **RReriz**¹¹ e só posteriormente passou a **Reriz**.
- b) À data, havia dezassete casais mas somente dezasseis pagavam foro por inteiro porque um deles, com rotatividade anual, pagava foro específico, tendo o dever de entregar o foro geral no paço a expensas dos lavradores. Cada casal pagava três quartas de centeio (um alqueire), uma galinha pelo Natal, uma galinha, um gorazil de porco, três varas de bragal, um feixe de palha. Também era pago foro por pessoa. Cada foreiro dará um dia de trabalho para adubar as vinhas do senhorio e fazer a limpeza das vasilhas de vinho, comprometendo-se o senhorio a não alargar o cultivo da vinha.
- c) Os pagamentos ocorriam no dia de St.º Estêvão (26 de Dezembro), no Natal e no dia 01 de Abril;
- d) Moeda: libra e real (7 libras = 140 reais).

Deste foral se depreende que nesta localidade, ao tempo, havia criação de carneiros, galinhas, capões e porcos; o cultivo de centeio, trigo, vinho castanhas e azeite (o milho e a batata chegam após o século XVI na sequência dos Descobrimentos Portugueses). Os montados e os maninhos ficavam todos do concelho livremente¹².

Posteriormente, o Cadastro da População do Reino de 1527 refere que o lugar de Reriz tinha 26 moradores. Também ficou referido que tinha a área de meia légua de comprido por meia légua de largura e que confrontava com o concelho de Lafões e de Moção. Há ainda o registo de que, na segunda metade do século XVI, duas nobres fidalgas da ilustríssima família dos Castros, as irmãs D. Violante e D. Isabel de Castro foram sepultadas na capela-mor da Igreja de S. Martinho¹³, tendo vivido na Quinta de Raebelo que, como já referimos anteriormente, tinha sido uma honra medieval.



Brasões da Quinta de Rebelo (1766)

¹¹ Ver texto do foral manuelino.

¹² O Estado apoderou-se dos baldios no ano de 1938 (Lei n.º 1971, de 15 de Junho de 1938). No ano de 1960, a 14 de Fevereiro, decorreu na Câmara Municipal de Castro Daire um auto de inquérito para passar os baldios para a floresta e para conciliar vontades entre o Poder Central e o Poder Local. No dia 6 de Outubro de 1974, houve uma reunião Junta de Freguesia de Reriz para resolver o problema dos baldios.

¹³ Alexandre Alves, *As Paróquias*, in Castro Daire, pp. 327.

No ano de 1757, esta vila já tinha 60 fogos¹⁴, passando para os 177 fogos no ano de 1835¹⁵.

Tendo em consideração as alterações político-administrativas que se vão seguindo ao longo dos tempos, Reriz só se manteve como cabeça de concelho até 1834 porque a reforma administrativa de 1835-1836 reduziu os 828 concelhos para 351, sendo que neste número se inclui a criação de 21 novos concelhos. Reriz baixou o nível de importância administrativa passando de concelho a freguesia do concelho de Sul. Com a extinção deste, por decreto de 24 de Outubro de 1855¹⁶, a freguesia de Reriz passou a integrar o concelho de Castro Daire onde ainda se mantém.

Ainda neste âmbito de resenha histórica e como nota informativa, parece-nos oportuno dar a conhecer o enquadramento de Reriz na organização judicial do país. Segundo Adérito Ferreira, em 1755 constava na antiga comarca de Viseu, em 1839 na de Lamego, em 1852, na de Vouzela e em 1862 na de Castro Daire¹⁷.

No contexto da história sobre Reriz, trazemos ao conhecimento a existência do Palácio com o mesmo nome. Segundo a Wikipédia, Reriz está ligada sentimentalmente a S. Pedro do Sul por causa do aqui situado Palácio de Reriz. Este palácio confina com a Praça da República e com a Rua Direita (esta rua já teve a toponímia de Rua Marquês de Reriz). O palácio foi mandado construir na 1.ª metade do séc. XVIII por Diogo Francisco de Almeida de Azevedo e Vasconcelos, senhor da Quinta do Testamento, em Reriz. A pedra de armas foi colocada no edifício pelo 1.º Marquês de Reriz (António Maria Vilhena de Vasconcelos e Meneses), tetraneto do fidalgo que o mandou construir. Neste palácio se hospedou a Rainha D. Amélia de Orleans quando frequentou as Termas de S. Pedro do Sul (1894 – 1895).



Brasão do Palácio do Marquês de Reriz

¹⁴ Fonte: Wikipédia.

¹⁵ Adérito Ferreira, *Castro Daire – Forais Manuelinos*, pp. 98.

¹⁶ Data referida por Adérito Ferreira, *Castro Daire – Forais Manuelinos*, Todavia, a Wikipédia refereo ano de 1853.

¹⁷ Adérito Ferreira, *Castro Daire – Forais Manuelinos*, pp. 98.

Sobre a referida Quinta do Testamento, a Wikipédia, até ao momento, não tem nenhum documento disponível que nos permita obter pistas para a continuação da investigação. Todavia e sem margens para dúvidas, as informações sobre Reriz identificam claramente que estamos a falar desta freguesia do concelho de Castro Daire, logo, existe uma relação directa entre o palácio, a quinta e o lugar. Por outro lado, foram ouvidas várias pessoas em Reriz que manifestaram total desconhecimento sobre a existência da mencionada quinta.

VII. RESENHA HISTÓRICA RELIGIOSA

À semelhança do que aconteceu com a organização político-administrativa, Reriz teve diferentes dependências orgânicas religiosas. A paróquia de Reriz pertenceu a Lafões. Posteriormente, no século XVII integrou o arcebispado de Mões. Um dos grandes benemérito deste paróquia foi D. Simão de Reriz (século XVI), ou D. Simão de Castro sendo que no séc. XVIII o padroado continuava na grande casa dos Castros, almirantes-mores do Reino¹⁸ e senhores de Reriz desde D. Manuel I. Actualmente pertence à diocese de Viseu.

Quanto à relação do rerizense com a fé católica, as setes capelas (4 públicas e 3 privadas) existentes na localidade que à data da sua construção não atingiria os mil habitantes, colocam Reriz numa posição impar ao nível da importância do fenómeno religioso e são uma manifestação inequívoca de que esta terra possuía um património específico para as práticas religiosas. De entre estas capelas destacaremos a da Senhora de Rodes ou da Natividade pela sua importância como Santuário Mariano desde o século XII e por ser um espaço partilhado por duas freguesias: Reriz e Gafanhão.

a) - Igreja Paroquial ou Igreja de S. Martinho Bispo

No ano de 1.258, o pároco da freguesia, Estêvão Mendes, dizia que a igreja estava edificada num “reguengo do rei”, entre a vila de Reriz e o rio Pongide (actual Aziboso), e que, por tal razão, o padroado devia pertencer ao rei e não à Mitra (ao poder religioso de Lafões). Desta igreja medieval nada resta, nem mesmo a capela-mor que fora o panteão dos Castros – família benemérita desta paróquia - e onde foram sepultadas, na segunda metade do séc. XVI, duas nobres fidalgas desta ilustríssima família, as irmãs D. Violante e D. Isabel de Castro.

No início do século XIX começou a construção da nova Igreja com o abade Pedro Homem Cardoso, tendo sido pedida licença para a benzer no mês de Outubro de 1807. Recebido o pedido, o bispado encarregou o abade do Gafanhão, António Dias Resende, de recolher as informações que, em documento datado de 16 de Dezembro do mesmo ano, teceu rasgados elogios à grandeza e magnificência da obra em apreço. A licença foi concedida a 23 de Dezembro do referido ano. Durante os anos em que decorreram as obras de construção, a capela de S. Sebastião serviu de igreja paroquial em condições exíguas tendo gerado o desagrado dos fiéis por falta de espaço no seu interior para acolher o elevado número de praticantes da fé.

¹⁸ Alexandre Alves, *As Paróquias*, in Castro Daire, pp. 277, 320 a 326.

A importância desta igreja paroquial no contexto do bispado diocesano pode ser realçada, nomeadamente, através da utilização da lista de alguns nomes de padres ilustres¹⁹ que nela serviram a Deus e aos Homens. Assim:

- D. Feliciano de Oliva e Sousa, com ligações familiares ao Sátão, tomou posse a 16/5/1677. Foi Vigário-Geral do Bispado.
- D. Feliciano de Oliva e Sousa Cabral, sobrinho do antecessor.
- D. Brás Luís Coelho Cardoso, fundador da casa nobre de Grijó (1768).
- D. Agostinho José Teixeira Coelho Cardoso, sobrinho do precedente, a partir de 16/12/1781;
- Pedro Homem Cardoso, início do século XIX, reconstrutor da igreja que, actualmente podemos visitar.

Relativamente a este património religioso, Arménio de Vasconcelos²⁰, escreveu que esta igreja foi primorosamente restaurada e ornamentada, no ano de 1910, a expensas de Bernardino Rodrigues de Almeida Rebelo, com pinturas de grandes mestres. Várias outras obras de beneficiação foram sendo feitas, contudo destaca-se a pintura mural realizada na segunda metade do século XX por uma artista holandesa que possuía uma casa em Reriz e um Colégio na cidade do Porto²¹ em que o motivo da pintura é a figura de S. Martinho a doar parte da capa a um pobre descamisado.

Considera-se importante referir que o exterior desta igreja esteve durante alguns anos pintado de cor branca, contudo e na sequência da vontade de um grupo qualificado de fiéis que defendeu a preferência por mostrar o material da construção, há cerca de três décadas que se pode contemplar a pedra granítica.



Igreja Matriz de Reriz

¹⁹ Alexandre Alves, *As Paróquias*, in Castro Daire, pp. 281 e 327.

²⁰ Arménio de Vasconcelos, *Musealização do Vale da Paiva e das Serras que a Beijam*.

²¹ Esta benemérita faleceu recentemente na cidade do Porto, sendo que a casa de Reriz costuma ser usufruída pelo ex-bispo de Setúbal Dom Manuel Martins.

b) As Capelas

As capelas públicas são em número de 4:

Capela de N.ª Senhora de Rodes ou da Natividade

A capela da Senhora de Rodes é sem dúvida a mais importante das sete capelas não só pela associação à lenda do ermitão Leovegilgo mas também por ter sido um santuário mariano onde acorriam numerosos peregrinos.

Socorrendo-nos do que escreveu Arménio de Vasconcelos²², esta capela vem dos primórdios da nacionalidade tendo sido edificada no Monte das Cabeçadas que permitia desfrutar de ampla paisagem que inclui a própria localidade de Reriz. Como nota que suscita alguma curiosidade temos de referir que metade da capela estava construída em território da freguesia de Reriz e outra metade no do Gafanhão. Ela foi mandada construir pelo ermitão Leovigildo de Almeida (Almendra) ou Leovigildo Peres ou Pires, interveniente nos sucessos da Batalha de Ourique e com o qual D. Afonso Henriques sonhara antes do momento em que se conheceram no Monte do Cabeço, Ourique, tendo então ali sido repetidas as palavras que o rei ouvira no seu sonho. Os factos ter-se-ão passado no ano de 1139, após o que Leovigildo voltou à sua terra de Reriz para tratar de construir a Igreja a Santa Maria pelos idos anos de 1140/1141.

Sobre esta lenda, que ainda é transmitida oralmente pelos rerizenses, parece oportuno referir que haverá um fundamento histórico entre o que se diz e o próprio Rei D. Afonso Henriques. Este primeiro monarca português, atendendo ao património histórico que pode ser observados nos diferentes concelhos, conheceu bem os concelhos de Resende – Caldas de Aregos, S. Pedro do Sul e Viseu muito por causa das águas termais.

Passando da lenda para os factos que podem ser comprovados e seguindo o que escreveu Alexandre Alves²³, nada restará da capela fundada pelo virtuoso ermitão do tempo de D. Afonso Henriques de nome Leovigildo Pires. A localização da actual capela apresenta um factor de conflito curioso porque foi edificada nas extremidade das freguesias de Gafanhão e Reriz. Além de se colocar a questão dos direitos de propriedade paroquiais do imóvel também se erguia o problema de se fazer ou não a repartição das oferendas dos fiéis pelas duas freguesias. O corpo da capela foi edificado em território de Reriz enquanto a capela-mor no do Gafanhão. Esta nova construção foi feita pelos moradores das duas freguesias e de novo benzida pelo abade de Reriz, em 3 de Setembro de 1740.

Mais importante do que a questão dos direitos e da sua repartição, convém observar e reflectir sobre a importância deste santuário mariano que vem de há vários séculos mas que, actualmente, não espelha o fulgor nem a relevância como local de fé que congregou em oração muitos grupos de cristãos praticantes da crença de que havia uma relação directa entre o terrestre e o divino.

²² Arménio de Vasconcelos, *Musealização do Vale da Paiva e das Serras que a Beijam*. Sobre este assunto ver também Abílio Pereira de Carvalho, *Mosteiro da Ermida*, pp. 138.

²³ Alexandre Alves, *As Paróquias*, in Castro Daire, pp. 265.

Segundo Abílio de Carvalho “até há bem pouco tempo, a tradição de o pároco da Ermida, ou qualquer presbítero de sua escolha, ir em procissão a modo de rogação à Capela de N. Senhora de Rodes da Freguesia de Reriz, Bispado de Viseu”²⁴. Recordando o que já foi escrito, nas inquirições afonsinas de 1.258, o Mosteiro da Ermida, também conhecido por Mosteiro de D. Roberto ou das Siglas, fácil será concluir que a distância geográfica entre o Mosteiro e esta capela não seria factor desmobilizador para a manifestação religiosa.

Regressando ao que foi escrito por Alexandre Alves, os irmãos da Confraria e Irmandade da Senhora de Rodes assinaram em Viseu o termos de sujeição às justiças eclesiásticas, em Setembro de 1655. A irmandade abrangia as paróquias vizinhas de Sul, S. Martinho das Moitas, Gafanhão, Reriz, Pepim, Alva, Castro Daire, Pinheiro e Ester. Em 3 de Outubro de 1726, são aprovados os estatutos pelo provedor e contador real da fazenda, Dr. Rodrigo Homem de Brito. Esta confraria tinha uma bandeira com a imagem da Senhora de Rodes numa das faces e na outra estavam pintadas as cenas do aparecimento de Cristo a D. Afonso Henriques na Batalha de Ourique e da fala do ermitão ao rei junto da tenda de campanha. A bandeira actual foi pintada em 1858 pelo artista viseense António José Pereira²⁵.

A procissão na Quinta-Feira da Ascensão era organizada pelos fregueses de S. Pedro do Sul, S. Martinho das Moitas e Gafanhão. Os de Reriz faziam duas procissões: pelas Ladaínhas e pela Páscoa. As procissões de Ester eram na última oitava do Espírito Santo. A povoação de Pinheiro e o Couto da Ermida não tinham dia certo mas era sempre pelas ladaínhas de Maio, procissão esta organizada pelo abade da Ermida.

Ainda sobre a procissão, parece-nos relevante referir que, em princípios do século XVIII, em anos alternados, a imagem da Senhora de Rodes saía da nova capela da Senhora da Conceição, da Quinta de Grijó (vínculo instituído por Manuel Ribeiro Coelho e sua mulher Maria Coelha), para o alto do Monte das Cabeçadas levada pelos irmãos da sua irmandade. Ao chegar à capela, começava a festa com missa cantada e sermão. Acabada a missa, de novo havia procissão em redor da capela. No ano de 1768, era administrador do vínculo da Quinta de Grijó o Padre Braz Luís Coelho Cardoso, abade da vizinha Igreja de S. Martinho de Reriz, que resolveu mudar de sítio a capela da Senhora da Conceição e reedificá-la junto de suas sumptuosas casas que nessa quinta andava a fazer. Finda a capela – esta foi benzida no dia 8 de Dezembro de 1768 com as imagens da padroeira, de Santo António e de S. Francisco.

A imagem da padroeira é uma escultura do século XV, de calcário policromado, proveniente de canteiros de oficinas coimbrãs (pedra de Ançã).

²⁴ Abílio de Carvalho, *Mosteiro da Ermida*, pp. 138.

²⁵ Arménio de Vasconelos, escrevendo sobre a Capela de Rodes, defendeu que a primeira bandeira da irmandade foi atribuída a Grão Vasco contendo palavras que profetizavam a glória do império de D. Afonso Henriques

Relativamente à imagem da Santa, esta é uma escultura do século XV²⁶, de calcário policromado, proveniente dos canteiros de oficinas coimbrãs (pedra de Ançã). Devido à reedificação da capela, como já foi anteriormente referido, a imagem voltou a ser benzida pelo já referido abade de Reriz e proprietário da Quinta de Grijó, Padre Braz Cardoso, no dia 31 de Dezembro de 1740.

Sobre o actual estado de conservação desta capela, esta foi alvo de um recente furto no seu interior e o logradouro já não tem a fonte do início do século XVII obra em cantaria e a uma distância de pouco mais de tiro de pedra²⁷. Além da capela ainda podem ser observadas as ruínas das casas do ermitão.



Capela de N.ª Senhora de Rodes ou da Natividade

²⁶ Arménio de Vasconcelos defendeu que a imagem é do século XVI.

²⁷ Realidade referida por Alexandre Alves.

Capela de S. Sebastião²⁸

A capela de S. Sebastião será de 2.^a metade do séc. XVI e situa-se no sítio de Arrabalde.

Recordando o que já foi referido, esta capela serviu de Igreja Paroquial nos primeiros anos do século XIX enquanto se procedia à reconstrução da Igreja de S. Martinho.

Capela de Santo António

Esta capela encontra-se situada fora da localidade no Monte do Outeiro à semelhança da localização da Capela da S.^a de Rodes no Monte das Cabeçadas.

Anualmente, na festividade de Santo António, ali se realiza-se a respectiva cerimónia religiosa que inclui a procissão.



Capela de S. Sebastião



Capela de Santo António

²⁸ Alexandre Alves, *As Paróquias*, in Castro Daire, pp. 319.

Capela do Bom Jesus²⁹

Esta capela situa-se no trajecto da Igreja Paroquial, sendo uma construção do século XVII.

As capelas particulares são três. Para este efeito, consideram-se capelas particulares as que foram e permanecem edificadas em espaço privado.

Capela da Senhora da Conceição em Outeirelo³⁰

Esta capela continua em espaço particular e devidamente preservada pelo seu proprietário. O lugar de Outeirelo situa-se a nascente de Reriz.

Capela de S. José

Esta capela situa-se bem no centro de Reriz podendo ser contemplada da via pública. Além da estátua de S. José que fica ao centro, também podem ser admirados dois brasões laterais.

Capela de Nossa Senhora da Ajuda ou Rebelo³¹

A capela da S.^a da Ajuda foi mandada construir por Carlos José de Siqueira Leitão, casado com D. Luísa Teresa Pereira Pinto de Vasconcelos, junto das suas casas da Quinta do Rebelo. A 28 de Agosto de 1780 foi concedida licença para a bênção deste local de culto.



Capela do Bom Jesus



Capela de S. José

²⁹ Alexandre Alves, *As Paróquias*, in Castro Daire, pp. 339.

³⁰ Alexandre Alves, *As Paróquias*, in Castro Daire, pp. 318.

³¹ Alexandre Alves, *As Paróquias*, in Castro Daire, pp. 327

VIII. PATRIMÓNIO AGRÍCOLA

A existência de vários moinhos e de muitos canastos é reveladora da qualidade dos seus terrenos agrícolas.

Moinhos de água

Os moinhos de água estão dentro ou muito próximos da povoação o que denota a proximidade de caudais abundantes de água que conseguem fazer mover as mós dos moinhos. Estes moinhos de herdeiros estão dispersos o que indicia que não havia necessidade de se fazer o aproveitamento seguido da mesma fonte de energia.

O funcionamento do moinho a água pode ser considerado simples:

- Energia, *proveniente da pressão da água sobre o rodízio;*
- Rodízio, *roda que se move devido à pressão exercida pela água nas suas alhetas;*
- Veio, *que liga o rodízio à mó andadeira;*
- Mó fixa, *mó que não roda e também designada de mó de baixo;*
- Mó andadeira, *que mói o cereal posicionado entre as duas mós e também chamada mó de cima;*
- Moega, *depósito do cereal antes deste cair entre as mós e também designada de dorneira;*
- Registo, *canaliza o cereal depositado na moega para ser moído. O registo estabelece o caudal de cereal que deve entrar para as mós.*
- Chamadouro, *este instrumento tem uma extremidade sobre a mó de cima que, com o movimento desta, vai transmitindo a trepidação à outra extremidade posicionada no registo e que obriga a que o grão vá saindo da moega.*



Moinho do Talão

O moinho do Talão, situado na Travessa da Balseira apresenta uma razoável conservação que permite uma visita mas encontra-se desactivado.

3.2 – Canastros/Espigueiros

Existem muitos canastros na localidade de Reriz com a particularidade de estarem dispersos por várias propriedades ao contrário de outras localidades que optavam pela concentração da sua implantação, em especial em eiras.

Este elemento do património servia para salvaguardar as espigas de milho das pragas, nomeadamente dos ratos mas acima de tudo para permitir a secagem dos cereais. Este tipo de património apresentava a seguinte estrutura³²:

- Peões em pedra*, serviam para elevar do solo a estrutura a construir;
- Mesas em pedra*, eram colocadas sobre os peões e sobre elas assentavam as traves;
- Traves de pedra/betão/madeira*, colocadas sobre as mesas e aptas para suportar o sobrado;
- Sobrado do canastro*, parte inferior onde se colocavam as espigas de milho;
- Pares de colunas de pedra/madeira elemento posicionado na vertical que ligava o sobrado aos fechais;
- Fechais*, fechava a parte superior;
- Trave cimeira e os caibros*, permitiam fazer o telhado de “duas águas”.
- Ripas*, permitem o arejamento das espigas porque apresentam espaços de intervalo entre eles;
- Escoras*, ligam as extremidades das mesas ao topo das colunas com a finalidade de garantir estabilidade à construção.

Considera-se de destacar o canastro posicionado na Eira do Soito sobre o acesso à “Casa do Bispo” em que os peões de pedra estão sobrepostos nos muros de suporte às terras cujos proprietários são distintos. Este canastro só tem os peões e as mesas em pedra.

Também o canastro acedido pelo acesso pedonal que liga a Rua do Canastro com a Rua Cabo de Vila merece alguma atenção não só pela sua dimensão mas também pelo tipo de construção e por ser fora do vulgar³³. Além dos 17 metros de comprimento, é servido por três portas, sendo duas portas colocadas no topo e uma terceira colocada ao centro. As 14 colunas e os 7 fechais são em granito e não dispõem de escoras por se entender que o equilíbrio era garantido pelo peso das pedras. O fechal de uma das entradas tem em alto relevo e devidamente centrado a data de “1937” e, logo por baixo, as iniciais maiúsculas “J D R”.

³² Ver Alberto Correia, *Etnografia – A Terra e o Homem*, in Castro Daire, pp. 148 – 149.

³³ Ver Abílio Pereira de Carvalho, *Em defesa do património histórico do concelho*, in Notícias de Castro Daire, última, 10 de Agosto de 2005.



Canastros

IX. BANDA DE MÚSICA

A história da Banda de Música de Reriz remonta ao tempo da monarquia. O testemunho oral dá-nos a conhecer que esta banda musical actuou aquando da visita do Rei D. Carlos ao município de Castro Daire.

Na internet³⁴ estão disponíveis alguns vídeos que mostram esta banda a actuar em diversos palcos sob a direcção de um maestro que reside em S. Cipriano, terra pertencente ao concelho de Resende.



Banda de Música de Reriz

³³ Ver Abílio Pereira de Carvalho, *Em defesa do património histórico do concelho*, in Notícias de Castro Daire, última, 10 de Agosto de 2005.

³⁴ Disponível em WWW < URL: http://www.mapav.com/viseu/castro_daire/reriz/ >

X. O TRILHO DO PAIVA

O trilho do Paiva é um percurso pedestre ao qual a Câmara Municipal de Castro Daire atribuiu o n.º 5 (percurso pedestre – PR 5 Castro Daire) e a seguinte classificação:

-Grau de dificuldade: fácil.

-Extensão: 6,5 kms.

-Duração: 2h00

O percurso pode ser iniciado pela margem esquerda ou pela margem direita do Rio Paiva. Devido à cota elevada em relação ao rio, permite contemplar a margem oposta.

O percurso encontra-se suficientemente sinalizado. O ponto de encontro (início e fim do percurso) é no largo da Igreja Paroquial de Reriz propondo-se que siga pela margem esquerda do Rio Paiva em direcção a Casal Bom, Souto Pinheiro e Pinheiro (atravessando o Rio Paiva na Ponte do Brasileiro/Ponte de Pinheiro). O regresso é feito pela margem direita em direcção a Vila Nova voltando a ser feito o atravessamento do Rio Paiva através da ponte metálica pedonal que liga esta aldeia à aldeia de Reriz.



Poldras situadas em Casal Bom

Locais de interesse: Igreja Paroquial; poldras em Casal Bom que permitem o atravessamento do Rio Paiva, o Rio Paiva e as suas paisagens; casa brasonada na Quinta de Rebelo, Igreja Paroquial de Pinheiro; Igreja da Ermida.

Atendendo a que Reriz é o local de partida e de chegada deste percurso, tal pressuposto atribui relevância a esta localidade no contexto do Rio Paiva e das suas magníficas paisagens.

XI. RERIZ E A II GUERRA MUNDIAL

O sofrimento, a incerteza e a necessidade de se habitar em lugar seguro levou a que alguns estrangeiros optassem por viver em Reriz. Atendendo a que esta localidade fica situada longe de grande vias de comunicação, mas, em contrapartida, está muito ligada ao Rio Paiva, pensa-se que as trutas terão captado a atenção de alguns ingleses com actividade comercial sedeadada na cidade do Porto.

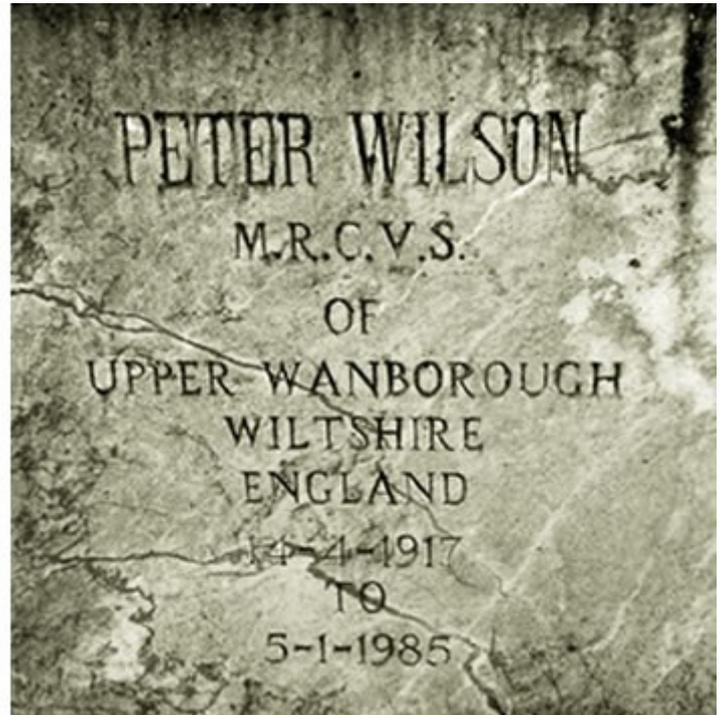
Várias famílias inglesas que por cá deixaram a sua marca, nomeadamente com a inauguração da luz eléctrica que terá ocorrido no ano de 1955 segundo informação oral e por observação do vestígio inscrito num poste de electricidade.

Actualmente, algumas propriedades ainda pertencem a famílias inglesas, a viver ou não em Reriz. Para os registos da história rerizense ficarão as sepulturas existentes no cemitério local, nomeadamente:

- Edith* (...), falecida no ano de 1938;
- Fred* (...), falecido no ano de 1942;
- Peter Wilson*, falecido no ano de 1985;
- Sylvia T- W- Fiennes*, falecida no ano de 1996.



Poste de electricidade - 1955



Campa funerária

Além dos ingleses, também há registo oral da estada de um alemão na zona de Souto Covo que viria a divorciar-se de uma senhora inglesa.

Actualmente, um casal espanhol é proprietário de uma vivenda onde passa férias.

Mais recentemente, assiste-se a um aumento de visitantes estrangeiros que se instalam por curtos periodos de tempo nos modernos e qualificados “Alojamentos Locais” em Reriz.

BIBLIOGRAFIA

- CARVALHO, Abílio Pereira de (2005) - Em Defesa do Património Histórico Concelhio. Jornal *Notícias de Castro Daire*. 10 de Agosto (última).
- CARVALHO, Abílio Pereira de (2004) - Lendas de Cá Coisas do Além. Edição do autor.
- CARVALHO, Abílio Pereira de (2001) - Mosteiro da Ermida. Edição do autor. 1.^a edição.
- CORREIA, Alberto, ALVES, Alexandre e VAZ, João Inês, (1995) - Castro Daire. Edição da Câmara Municipal de Castro Daire. 2.^a edição.
- FERREIRA, Adérito (1998) - À Descoberta do Rio Paiva. Edição do autor.
- FERREIRA, Adérito Pereira (s/d) - Castro Daire - Forais Manuelinos. Edição do Autor.
- VASCONCELOS, Arménio (2009) - Musealização do Vale da Paiva e das Serras que a Beijam. Liga de Amigos do Museu Maria da Fontinha.
- Wikipédia. Reriz. Disponível em WWW < URL: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Reriz> >